

UMA CRÍTICA À CONCEPÇÃO DE FELICIDADE ARISTOTÉLICA DIANTE DO MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

2020

Jose Cleber Leandro Duarte
Psicólogo Clínico, CRP: 02/21146 (Brasil)

Angela Baía
Professora Universitária. Mestre em Filosofia pela UFPE (Brasil)

E-mail de contato:
cleberpsicologia1992@gmail.com

RESUMO

A felicidade é uma ideia universal, própria do ser humano, por isso é importante tomar conhecimento da natureza humana; tanto no seu aspecto irracional, quanto no racional. Neste sentido, o conhecimento filosófico antigo pode ser atualizado com a contribuição da psicanálise freudiana. Sendo Aristóteles o primeiro grego a tratar da eudaimonia, partiremos da Ética a Nicômaco, onde o estagirita desenvolve esse tema. Por isso, buscamos elaborar uma crítica que visa repensar a noção de felicidade sob a perspectiva freudiana, com o texto Mal-Estar na Civilização, que servirá para interpretar sócio e psicologicamente o insucesso do homem na busca pela felicidade no século presente. Mas, será mesmo possível elaborar essa crítica? Será que apesar das longas distâncias que nos separam dos gregos, a Ética de Aristóteles pode auxiliar a compreender falhas éticas no modo de vida contemporâneo, em uma sociedade que vive uma clara crise de valores?

Palavras-chave: Felicidade, ética, filosofia, psicanálise.

Copyright © 2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é apontar como o conceito de felicidade, tal como trabalhado por Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco*, ainda pode contribuir para se repensar as relações subjetivas e interpessoais nos dias hodiernos. Tendo como objetivos específicos: (a) elucidar meios para se refletir o estatuto da felicidade no presente Século, procuramos (b) destacar a importância da ética prática na vida humana; (c) descrever o conhecimento sobre o lado antissocial humano, essa parte que ainda apavora o homem, visando, por fim, (d) enaltecer o lado bom da condição humana que resulta da busca intencional de uma vida guiada pelas virtudes.

Este trabalho mostra-se relevante pelas seguintes razões: considerar a conhecimento da Ética aristotélica imprescindível para se pensar a conduta humana em busca pela felicidade, o que permite um estudo mais profundo em sua obra, e com isto, pensar a distância dos valores da vida e o desconhecimento da alma humana, o qual segundo (FREUD, 2011; BAUMAN, 2008) possibilitou um cenário social constituído por atitudes frívolas e cega à busca do poder e controle que sucumbem os autênticos valores de uma vida.

Como base, utilizaremos a eminente obra *Ética a Nicômaco*, mais precisamente os livros II, III, V, VII e X para pensarmos a natureza humana e como Aristóteles pensa as formas da excelência da alma. Contaremos também com diferentes textos da psicanálise freudiana, como o propósito de interpretar a relação psicológica da natureza humana tendo como principais fontes: *Moral Sexual 'Civilizada'* e *Doença Nervosa Moderna* e também *Além do Princípio do Prazer*.

Com relação ao problema social da pesquisa, a mediação dos dados será conseguida entre o texto *Mal-Estar na Civilização*, tendo a preocupação em discernir o comportamento atual da nossa cultura através, das seguintes obras: *Ética Pós-Moderna* e *Vida para Consumo de Bauman*. Para apontar as falhas das pseudo promessas em relação ao progresso Moderno científico usando o livro *Felicidade de Giannette*.

SOBRE QUESTIONAMENTOS À PÓS-MODERNIDADE

Na Modernidade, Freud já aponta um crescente distanciamento da civilização daquilo que Aristóteles designou como os valores morais de uma boa vida. Para ele: “É difícil escapar à impressão de que em geral algumas pessoas usam medidas falsas, de que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que têm subestimado os autênticos valores da vida.” (FREUD, 2011, p. 1). O pai da psicanálise aponta que a sociedade é um mal necessário, isso nos

leva a pensar na produção de pessoas imersas num turbilhão de informações e preocupações em todas as esferas da existência, esquecendo-se de olhar e refletir sobre si mesmas.

Daí surgem algumas questões emergentes: Quais são os mais fundamentais valores para uma boa vida hoje? A *eudaimonia* aristotélica, prática do viver bem, ajudaria para essa pergunta? Afinal de contas, (1) até onde pode o homem utilizar a sua razão, o traduzida hoje no seu conhecimento científico, a seu favor no que subjaz à felicidade? (2) Por que o homem nunca está satisfeito? (3) Até que ponto podemos pensar que a busca pela felicidade é uma escolha? E, já agora, (4) em que consiste a felicidade enquanto finalidade no presente século?

POSSÍVEIS RESPOSTAS

Em resposta à primeira questão, poderíamos dizer que o ocidente em geral passou a levar ao extremo a ideia de que a felicidade é um novo imperativo, como se fosse o único possível foco da existência humana. O homem atual tem a obrigação de estar não somente em forma e com boa saúde física e mental, como também ocupado em uma vida profissional e pessoal que o faça sentir-se pleno e feliz (BAUMAN, 2008). Seguindo essa mesma linha de raciocínio é também de notar que, nessa cultura que levou a sério a importância de se ter de levar uma vida feliz, há um alto investimento intelectual na criação de novas fórmulas¹ e tecnologias para garantir uma vida melhor. Por conseguinte, o tão sonhado bem-estar, se transformou em uma mera concepção de felicidade regida pelo mercado. Giannetti (2002) atesta que esse tipo de comportamento é oriundo das promessas trazidas pela Modernidade, a fé e o poder na própria razão.

Daqui resulta um delírio coletivo que, para Freud (2011, p. 36): “não apenas parece um conto de fadas; é mesmo o cumprimento de todos – não a maioria dos – desejos dos contos, isso que o homem, por meio de sua ciência e técnica, realizou nesta terra onde ele surgiu primeiramente como um fraco animal.”. Como tal, e apesar de todas as contribuições científicas e subsequentes avanços da tecnologia, espécie humana ainda continua a se defrontar com a sua inerente fragilidade. Não menos que antes, continua a ser difícil conviver com a prepotência da natureza, a fragilidade do nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam nossos vínculos – família, estado e sociedade.

¹ São algumas delas: prática de esportes (academia), busca por *coaching* e conhecimentos da psicologia positiva, analista, teorias de desenvolvimento pessoal, as sabedorias orientais, a medicina, estes, entre outros, prometem ajudar o homem nas suas necessidades básicas até as mais sofisticadas.

Trilhando esse caminho, percebe-se que sim, por um lado o conhecimento científico é útil, porém, por outro, não o suficiente para responder completamente aos muitos e contínuos problemas que assolam a humanidade. Tomando, como exemplo, a maneira como o homem atual continua diariamente sujeito a várias dificuldades, sejam elas desastres naturais, guerras ou fomes, estando assim, em certa medida, perante dificuldades similares às dos seus antepassados. É precisamente isto que Freud (2011) aponta quando ainda nos considera à mercê da prepotência da natureza e doenças incuráveis, como o câncer, alzheimer ou até mesmo a depressão. Como se isso não bastasse, continuamos a conviver com problemas sociopolíticos e econômicos.

Quanto à segunda questão, Bauman (2008) descreve que a felicidade, na era Pós-Moderna, está configurada pelo desejo, o mero prazer. Entre maneiras de obtê-lo, a mais irracional ganha ascensão e a razão fica em segundo plano. Para Caeiro (Introdução in ARISTÓTELES, 2017, p. 9) “A relação entre desejo e razão é sempre problemática”. Esse é o tal problema que é explicado pela psicanálise pela seguinte lógica: o homem possui um programa mental denominado de ‘princípio do prazer’; esse princípio faz com que ele aja de forma veemente para obtê-lo. Sendo assim, essa busca pelo prazer não possui um caráter moral. Isto levou Freud a compreender que este “programa está em desacordo com o mundo inteiro.” (2011, p. 20).

Há também que considerar que parte da natureza humana é conflituosa, por ser o resultado do encontro dissonante entre o princípio do prazer, – que parte dos instintos e desejos, e do princípio de realidade – e a razão e a cultura. No apontamento de Freud, “Aquilo que chamamos felicidade, no sentido mais estrito, vem da satisfação repentina das necessidades altamente represadas.” (2011, p. 20). Neste sentido, a busca pelo prazer, seja qual for a sua natureza – má ou boa —, está intimamente ligada ao resultado sensorial psicológico de felicidade. Este, cremos, é o que justamente a caracteriza neste nosso presente século.

A felicidade, quando alcançada, resulta na insatisfação e se esvai? Isto nos permite pensar que o homem vive repetindo uma busca por algo inalcançável nomeando essa busca de felicidade? Para a psicanálise², o fenômeno da repetição está intimamente ligado ao conceito de *trieb*, que designa um estímulo, que se origina da relação corpo e mente, que se reflete no comportamento por uma busca de significação, naquela que é uma marca mnêmica sem registro (GREEN, 1988). Disto resulta para que o homem aja para rememorar esse registro perdido, que transcende a linguagem.

² O texto além do princípio do prazer revolucionou o pensamento psicanalítico. A análise da brincadeira de uma criança – o *fort-da*, ao analisar o fenômeno da repetição, Freud deu luz ao conceito de (*trieb*) pulsão de morte.

É como se algo de não representável no aparelho psíquico fizesse com que o ato de evocar uma memória deixasse lacunas não preenchíveis pelo universo simbólico do sujeito: “Ela se dá justamente pela impossibilidade de alcançar o ponto original pelo desejo. O homem repete-se (em ato) na busca do objeto perdido da primeira experiência de satisfação (ALMEIDA; ATALLAH, 2008, p. 212). Essa experiência de prazer, por exemplo, seria a sensação do estado da felicidade explicada por Freud. Para Aristóteles (2017, p. 156, livro VII) “O prazer não é o bem porque o prazer é um processo de geração perceptível que se dirige para uma natureza [permanente]. Ora nenhuma geração é congênere dos fins (alcançados), tal como nenhum processo de construção de uma é congênere de uma casa acabada.”

Desta forma, repetir³, para Freud (2010), consiste num movimento inalcançável em busca de prazer e satisfação. Ora, e com relação à ética aristotélica, a felicidade consiste na vida plena e realizada, algo que não pode ser alcançado de forma imediata ou definitiva, pelo menos enquanto durar a nossa vida. Assim, repetir a sua busca consistiria na ação do homem em encontrá-la, tornando um exercício contínuo da alma que, agindo racionalmente, o faz durante toda a sua vida. Isto torna-a diferente do mero prazer, sendo então a felicidade um *telos*, uma finalidade (ARISTÓTELES, 2017, LIVRO X).

Em relação à terceira pergunta, para Aristóteles a alma humana possui três funções elementares: a vegetativa, a sensitiva e a intelectual. A vegetativa e a sensitiva são partes que também estão presentes nas plantas e animais; já a intelectual é exclusiva dos seres humanos. Neste sentido, a alma racional é a ponte entre a intencionalidade e as escolhas sobre as ações. No dizer de Caeiro, “na medida em que o homem é também racional surge para ele o desafio de controlar, dominar e por fim educar e conformar o seu desejo, isto é, a parte irracional- apetitiva de sua alma.” (CAEIRO, Introdução in ARISTÓTELES, 2017, p. 10).

Ora Freud, ao pensar sobre a felicidade, levou em consideração que outra causa do mal-estar humano está exatamente na tentativa de controlar parte de uma: “natureza indomável, da nossa própria condição psíquica” (FREUD, 2011, p.30). Como tal, logo no início do texto *O Futuro de Uma Ilusão*, é apresentado uma síntese de estudos antropológicos sobre e seus desejos instintivos

³ Lacan (1988) utiliza do pensamento aristotélico — a *Tiquê* e o *Autômaton* — para refletir acerca da problemática da repetição. No capítulo 5 do seminário 11 de sua obra.

entre diversas faces. Como tal, é possível identificar profundas ligações entre Freud⁴ e Aristóteles⁵, mais precisamente no que diz respeito à natureza humana.

Segundo VEGETTI (2015) Aristóteles aponta que além do homem nascer com a predisposição bestial, ele também nasce com disposições à atividade ética: “Parece, por outro lado, haver uma certa outra natureza na alma que é [ativamente] incapacitante de razão, mas que ainda assim tem uma relação com ela” (ARISTÓTELES, 2017, p. 36, LIVRO I). É então através da razão que ele escolhe praticar o bem ou o mal. A busca pela realização repentina dos desejos instintuais e a perversão devem ser contidas pelo homem, assim como todas ações que derivam da “perversão, da falta autodomínio e da bestialidade.” (ARISTÓTELES, 2017, p. 137, livro VII). No entanto, essas disposições seriam materiais psicológicos brutos que, quando lapidados, convertidos, através do intelecto, da racionalidade, são transformadas em ações opostas de carácter positivo. Por exemplo, o carácter da bestialidade pode tornar-se uma ação heroica, uma excelência humana.

A metapsicologia freudiana explica que a contensão dos desejos instintivos é obtida psicologicamente pelo mecanismo da repressão⁶ e do recalque. Através desses mecanismos, a sublimação, que é outro mecanismo psíquico, entra em ação, possibilitando que o homem produza atitudes de valor social positivo, tanto para si mesmo quanto para os outros: “A pulsão pode ser recalçada, revertida em seu oposto, retornar em direção ao eu ou ser sublimada. Na sublimação a pulsão mantém seu teor sexual, modificando sua finalidade, que se desvia do sexual para o social” (MENDES, 2011, p. 57). Segundo Perez e Passos (2014, p.2) “uma nova estratégia, que integra o prazer em vez de excluí-lo, apaga o antagonismo entre a máquina econômica e nossas pulsões e faz destas últimas o próprio motor do desenvolvimento humano”, ou seja, podemos então pensar que a conversão positiva dos instintos está caracterizada no nosso século especificamente pelo trabalho humano?

⁴ Entre esses desejos instintuais encontram-se os do canibalismo, do incesto e da ânsia de matar. Soa estranho colocar lado a lado desejos que todos parecem unânimes em repudiar e desejos sobre os quais existe tão vívida disputa em nossa civilização quanto a sua permissão ou frustração; psicologicamente, porém, é justificável proceder assim. Tampouco, de modo algum é uniforme a atitude da civilização para com esses antigos desejos instintuais. Apenas o canibalismo parece ser universalmente proscrito e - para a opinião não psicanalítica - ter sido completamente dominado. A intensidade dos desejos incestuosos ainda pode ser detectada por detrás da proibição contra eles, e, sob certas condições, o matar ainda é praticado, e, na verdade, ordenado, por nossa civilização (FREUD, 1996, p.8)

⁵ Refiro-me a natureza bestiais, como a resteiço daquela antropóide de quem se diz que abria a barriga das grávidas para lhe comer os bebês, ou a respeito de um alguns povos selvagens do mar Negro, de quem se diz deliciados, uns, carne crua, outros carne humana, outros oferecerem seus filhos uns aos outros para um banquete público. (ARISTÓTELES, 2017, p.146, LIVRO III)

⁶ Decorre da tentativa e êxito da consciência de ocultar conteúdos psíquicos amorais. Para Freud a civilização é constituída com base na repressão e recalque. Existe o dispositivo psicológico do superego e instituições sociais que atuam sobre o homem para que o recalque persista durante a vida possibilitando o convívio social (FREUD, 2017).

Quanto à última questão, assim como Freud (2011) menciona a subestimação dos autênticos valores da vida no século XX, também no século XXI essa tendência ainda se mantém evidente. Desta forma, o homem é caracterizado pelo que possui, sendo que o que ele é moralmente não possui tanta relevância (BAUMAN, 1997). Há nisto uma ideia de posse de conteúdos concretos diante a busca pela felicidade e de imediatismo, que se configura na conquista de ‘bens’, nas aquisições materiais. Neste sentido, o que fertiliza a finalidade da felicidade, no contexto atual, está numa lógica individualista e utilitarista; um modelo de vida capitalista sustentado pelo desejo humano (FONTENELLE, 2014).

Surge assim a impressão de que o conhecimento intelectual, o uso da razão, dita por Aristóteles, rompeu a ideia de se referenciar nos valores morais da vida e passou a se delinear diretamente a desejo e consumo. Um exemplo disso está na educação pautada exclusivamente na visão utilitária, visão essa onde a educação está cada vez mais distante dos valores humanistas, das ciências humanas, aplicando formação acadêmica delimitada para o mercado de trabalho. Do ponto de vista social, a finalidade da felicidade está voltada apenas para o sucesso financeiro, aquisitivo, e para o poder. As potências humanas ficam assim reduzidas a cargos e salários, e à realização de desejos; em suma, ao mero prazer.

Aristóteles denominou a Ética como a Filosofia Prática, tomando-a como um método e técnica, uma ciência da prática humana. Para ele, o homem age em direção a um fim e, ao agir, deve atualizar as potências da alma; a busca pela felicidade decorre justamente por via da atualização de suas potências (ZIGANO, 2008). Assim, o homem, ao nascer, além de possuir disposições instintivas, irracionais, nasce, também, com “generosidade e a temperança [que] são disposições éticas” (ARISTÓTELES, 2017, p. 37, livro I). Um homem feliz é aquele, por exemplo, “que fazia, de modo excelente, o que fazia, fosse um simples sapato ou um minucioso plano de guerra. O guerreiro virtuoso era aquele que era excelente no vigor de suas forças.” (ROCHA, 1999, p. 100). É somente ao exercitar a *práxis* ética e por via da *areté* virtudes, o homem torna-se feliz, pois esse é o único meio para alcançar a felicidade (ARISTÓTELES, 2017, livro VII).

CONCLUSÃO

Saber que a insatisfação faz parte da condição humana, já é um grande passo. A mecânica capitalista vende objetos e estilos de vida sedutores, no qual o homem não sabendo lidar com sua condição de insatisfação, tende a se tornar refém do mercado, um consumidor compulsivo. A ambição e a falta de interesses pelo autoconhecimento são elementos que configuram uma subjetividade engessada e orquestrada pelo consumo sucessivo de bens materiais. A finalidade da

felicidade, em grande parte do ocidente, está marcada pela configuração capitalista, de produzir e consumir até o resto da sua vida, no qual aplica a pseudo ideia de valor moral apenas pelo poder aquisitivo. O retorno a filosofia antiga é um forte contribuinte para o autoconhecimento e enriquecimento da alma. A busca pelo autoconhecimento, o amor a família e aos amigos ainda pode estar aliado na contínua atividade que almeja a excelência da alma, a ética. A ética prática é um meio de encontro consigo mesmo que transforma as disposições instintivas em virtudes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. P.; ATALLAH, R. M. F. **O Conceito de Repetição e sua Importância para a Teoria Psicanalítica**. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 203-218, Dec. 2008.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso dia: 10 de set, 2019 .

ARISTOTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução: António de Castro Caeiro. Ed. 2ª. São Paulo: Forense, 2017.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer** (1920). Tradução: Paulo César de Souza. Obras completas, v. 14. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. **As Pulsões e Seus Destinos** (1956/1939). Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **O futuro de uma ilusão** (1927). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.v.XXI, p.15-61. 1996.

_____. **Moral Sexual “Civilizada” E Doença Nervosa Moderna** (1908). *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, v.IX, 1976, p.187-212.

_____. **Leonardo Da Vinci E Uma Lembrança Da Sua Infância** (1910). *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, v.XI, 1976, p.59-126.

_____. (1930) **O Mal-Estar Na Civilização**. Tradução: Paulo César de Souza. 1º Ed. São paulo: Companhia das Letras, 2011.

FERRY, L. **7 Maneiras de Ser Feliz**: Como Viver de Forma Plena. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

GIANNETTI, E. **Fecilidade**: Diálogos Sobre o Bem-Estar na Civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LACAN, J. (1988). **O seminário**, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

PONDÉ, L. F. **Marketing Existencial**: A Produção de Bens e Significado no Mundo Contemporâneo. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

MENDES, E. R. P. **Pulsão e Sublimação**: a trajetória do conceito, possibilidades e limites. Reverso, Belo Horizonte , v. 33, n. 62, p. 55-67, set. 2011.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso dia: 9 de set, 2010.